



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Talha - Lisboa • Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Processos de combate

Não há actualmente, com certeza, jornal tão atacado como este e doutrinas tão combatidas como as que nestas colunas são defendidas. O facto não previsto por nós; e já num artigo aqui publicado "futuramos" que contra a Batalha, mais dia menos dia, veríamos reunidos monárquicos e republicanos, conservadores e liberais, sidonistas e democráticos. Dito e feito. Lógico era, aliás, que, para combater-nos, se irmassem todos os elementos da organização burguesa, todos os que com a tranquilidade alucinada, todos aqueles a quem o regime da propriedade privada dá privilégios de dominância. E o que acontece. Ficamos nós deste lado da barreira. Múltiplos. Mas já não está bem que se use, para combater-nos, os meios os sujeitos, de processos infames e indignos. Sempre os mesmos, aliás. E a mentira é a calúnia. Depois é a calúnia e é a mentira. E depois é sempre estas duas mesmas variantes alternadas. E não se passa disto. O governo dá o exemplo. A imprensa burguesa segue-o e aperfeiçoa-o. Os do poder dizem mata. Os dos mentidos jornalistas, dizem estola. Assim iremos, sabe Deus por quanto tempo ainda. Ora daqui resulta que a Batalha, para mais não chega o tempo senão para apurar os botes traçadores que lhe mandam de todos os lados. E pensa isto porque temos funções de maior utilidade a desempenhar. E pena. Mas havemos de defender-nos enquanto a energia nos não desamparar de todo e enquanto a fé continuar perdurando em nossas almas.

O que eles inventam o que eles arguem... E preciso ter-se a imaginação — o desearramento, vamos lá. Nada do que eles inventam contra nós se mantém mais do que horas, enquanto nós daqui ou os próprios factos não encaregar de desmentir-lhes. Eles a armam os pomposos castelos de cartas da mentira e nós daqui os desmanchamos no dia seguinte com um assopro. Pois não perdem a linha, os descarados. Fazem orelhas moucas à defesa, fingem que não ouviram a resposta e prosseguem impávidos, sem corar. São de topete. Outro dia engendrou um hisbórrico qualquer, dos do conservatismo republicano, que era feita de dinheiro alemão a firmeza de que os grevistas ferroviários tem dado mostras. Mal lemos a torpíssima calúnia, logo aqui emprazamos o melatrefe a apresentar as provas relativas à grave afirmação que publicara.

Pois, no dia seguinte, a estrutura contentou-se com bolar mais uns insultos, endereçando-nos, o assim julgou liquidadas as suas responsabilidades morais no incidente. Outros nos acusam de vadios, fornidos à la grandes, mercê dos cofres associativos. Mas não precisam nunca, os caluniadores, deixando sempre a acusação no vago, para que alguma coisa dela subsista, depois mesmo de desmentida, segundo a tática do mais genuíno jesuitismo. Esfalfamos-nos a perguntar-lhes quem são, vistas as contas os tais vadios sustentados pelos sindicatos, ou quais são os sindicatos que os mantem. Não respondem, é claro e não nos ficamos esperando resposta quando os desafiamos, porque sabemos que essa resposta é impossível. E todavia, dado que houvesse entre nós pouca vergonha, facilmente seria averiguado, dado que são as associações operárias lugares públicos, onde quem quer entra, e, embora indesejadamente, é recebido. Mandamos lá os caluniadores da imprensa ou do poder uns quaisquer sequeiros, esses que vissem, esses que colhessem elementos. Porque não mandam, porque não respondem depois de se haverem preocupado conosco e dirigido a nós, só para mentir, só para conspurcar, só para desvirtuar intuitos, só para lançar lama em causas nobres, acusando mas sempre inadiosamente, dando à sucapa e fugindo em seguida, reservando-se sempre a porta falsa do abs-

trato, do vós não citamos nomes, do vós dissemos bem isso?

Vadios... Mas quem são eles? Não se passa um dia, não se tem passado nenhum ultimamente, sem que um ou outro de nós vá pra prisão, isto tanto em Lisboa como fora, uma vez no Algarve outra no Minho. Gente perigosa, os homens da desordem, os tais vadios enfim. Pois todos eles lá tem declinado o nome, apontado a morada, declarado a profissão e até mesmo indicado a casa em que trabalham. Aos tais vadios operários, o governo que os prende numa vez — para ao menos ficarmos nós sabendo quem são eles. Aos que recebem dinheiro de suspeita procedência os jornalistas que os mencionem, que é para os escurraçarmos, nós também. Adotem esta tática que é mais nobre. Nós procedemos assim: acusamos, provamos. De motu próprio apresentamos a provas, o não é preciso que a polícia nos convide a isso. A questão não é de elegância de estilo, como alguns tergiversam, nem duma castrada moderação de linguagem, condição a que às vezes faltamos. A questão é de carácter, é de dignidade. Nós falamos rude e falamos claro. Mas quando acusamos, fazemo-lo sem eximir-nos das responsabilidades resultantes. E só pedimos que para nós procedam do mesmo modo. Porque é tão feio, tão baixo, acobertar-se um homem no anonimato de um jornal para daí começar a espalhar veneno, não combater ideias mas simplesmente, como dissemos, espalhar veneno — não concordam os ilustrados jornalistas que nos atacam? Mudem de processos. Olhem que se dignificam com isso. E nós sempre ficamos com um pouco de vagar e de espaço para pensar em coisas mais proveitosas, livres já da preocupação de andar a fugir com as caixas a fantasmas que só cuidam em morder-nos.

UM APELO DOS SOVIETS DA RUSSIA AOS OPERÁRIOS DA ITÁLIA FRANÇA E INGLATERRA

O comissário dos negócios externos da Rússia dirige um apelo às organizações operárias da Itália, França e Inglaterra, redigido nos seguintes termos: "Em face do vosso protesto, contra a intervenção na Rússia e na Hungria, toda a responsabilidade da continuação da guerra e do bloqueio recíproco exclusivamente sobre os nossos inimigos. Depois de firmada a paz com a Alemanha, perde todo o valor a mentira dos aliados de que defende a Rússia contra os alemães. Toda a gente compreende que a agressão dos aliados é um acto de pura violência. A suposição de que nós tenhamos intuídos agressivos é igualmente uma torpe mentira, porquanto temos feito todo o possível para se chegar à paz."

Em 15 de Agosto do ano passado, o representante americano, Pudle, ofereceu-se para comunicar as condições eventuais duma paz com a Inglaterra. Depois, quando os representantes da Rússia abandonaram Moscú, pedimos-lhes que nos facilitassem um caminho para negociar a paz. Por nota de 24 de Outubro solicitamos novamente que nos apresentassem condições, a fim de evitar mais derramamento de sangue. Em 3 de Novembro fizemos de novo a Entente uma proposta formal de paz, por intermédio dos representantes dos países neutrais. Em 8 de Novembro o VI Congresso dos Soviets dirigiu à Entente uma contraproposta de paz. A 23 de Dezembro, Litvinov enviou aos representantes da Entente em Estocolmo uma nota circular no mesmo sentido.

Em 12 de Janeiro tivemos conhecimento, por intermédio da telegrafia sem fios, de que o presidente da comissão estrangeira de Washington tinha exposto as razões da intervenção armada da América. Expedimos imediatamente um rádio-telegrama ao governo americano fazendo-lhe ver que as razões expostas não tinham fundamento e perguntando se queriam fixar-nos data e local para entabular negociações.

Quando, em 14 de Janeiro, tivemos conhecimento do propósito do governo inglês de intervir na Rússia, prevenimos novamente os nossos representantes em Estocolmo de que estivessem preparados para, em qualquer momento, fraterarmos com a Entente. Em 7 de Janeiro subimos que a Confederação Geral do Trabalho e a Comissão permanente administrativa do partido socialista francês haviam manifestado a sua satisfação por um comunicado do respectivo governo anunciando a renúncia da sua intervenção na Rússia. Pre-

NOTAS & COMENTÁRIOS

Entre civilizados

Num número recente do jornal inglês *The Observer*, Inácio Phayre, autor do *Linchimento* passado há pouco na cidade norte-americana de Vicksburg. Um preito de 19 anos, por sinal inocente do crime de que era acusado, foi arrancado da prisão pela população e enforcado numa árvore, nu em pé. Eis os pormenores do ponto culminante do drama:

"— Matem-no a tiro! berravam alguns. — Não, clamavam outros; deixem-no morrer devagar. Com a cabeça torcida, o preto baloiçava brandamente; alguns homens, por baixo, punham-lhe pelas pernas. Regaram-lhe então o corpo com petróleo, e aprontou-se uma fogueira, saturada de petróleo igualmente."

"— Houve uma irrupção de chama. A carne do homem chiu, empolou, crispou-se. A face contorcia-se-lhe, medonha, e os braços erguiam-se freneticos e suplicantes. As pernas dobraram-se-lhe para trás, horrorosamente."

"E senhoras americanas contemplaram este espectáculo durante hora e meia, sob o sereno luar meridional!"

"Quando se cortou o barão e o cadáver caiu, os espectadores precipitaram-se para disputar entre si pedaços da corda como recordação; a própria árvore ficou sendo um monumento venerável. Passou-se isto na América de 1919."

Cá se fazem...

E cá se pagam. Os automóveis do P. A. M. não sofriam nunca as restrições de velocidade que aos carros particulares tem sido impostas. E claro que estes também atropelam e matam — mas é mais devagarinho. Os do P. A. M. atropelam e matam muito mais. Pois os dois leis só se voltavam para os automóveis paísonos, enquanto os militares não davam tempo a uma pessoa para dizer um precipitado *à Jesus* a despedir-se do vale de lágrimas. Ora tantas vezes vai a cantarinha ao povo, até que lá lhe fica o peçoço. O que aconteceu ficou foi o braço de um ministro, la mão do P. A. M., pela Avenida fora, como um furacão. Nisto saltou um segundo também do P. A. M. como outro furacão. E ia sendo caso para se dizer, R. I. P. a propósito do encontro nada obscuro que entre os dois carros se verificou. Pois Dêns a mão por baixo ao ministro, que, felizmente, não morreu, mas teve de ir curar-se ao hospital como qualquer servente de pedreiro tombado do andaim. Ora talvez que agora os ministros, vendo a arder as barbas de um colega, se lembrem em pôr as nossas de molho, moderando a velocidade das terríveis traquinças do P. A. M.

Um milionário

O sr. Rothschild tem estado doente. Não lhe valeu a fortuna para curar a contra o acidente de que foi vítima. Estava o famoso milionário jogando o golfe naquele engano de alma lede e ceço que a fortuna não deixa durar muito. E senão quando a bola vem esmagar brutalmente um olho do pesante rico. Pobre do homem! Aquelles era vulnerável pelo calcanhar. Rothschild é vulnerável por um olho. Pois tem-se o homem tratado do dito, com o fim de porventura fugido algumas vezes à seinghira curativa. O certo é que vai melhor. Ainda bem. A estas criaturas a na finança tirou a natureza a rebustez e já um da América de tal maneira tinha aviado o aparelho digestivo que só admitia leite — e passava fome, o infeliz Cresco. Mas seria realmente uma lástima que a humanidade perdesse tam valiosos componentes.

Federação do Grupo e do Jornal

Auxiliemos os ferroviários! A todos os gráficos, recomenda a sua Federação que hoje não esqueçam a classe ferroviária, agora gemendo sob o peso da repressão governamental, promovendo *quetes* em todas as oficinas, cujo resultado deverá ser entregue na União dos Sindicatos Operários de Lisboa, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, das 14 horas em diante.

A Federação.

A conquista do ar

BERNE, 20. — As experiências feitas nas alturas do Janirau para fazer arrensagem e tomar voo; foram coroadas de êxito, pelo que os planos das alturas montanhas da Suíça vão ser utilizados pela aeronáutica. — H.

guntámos radiograficamente aos governos da "Entente" quando seria posta em prática essa declaração e quando se iniciariam as negociações. A nossa resposta à proposta de negociações na ilha do Príncipe, em 4 de Fevereiro, era redigida no mesmo sentido: como sempre, declarámo-nos dispostos a negociar.

A ideia de esmagar, pela violência, a revolução popular na Rússia resultou uma loucura.

A continuação da luta vai aumentando o número das vítimas, perturba a economia nacional, não só na Rússia como também nos demais países, e acarretará consequências funestas.

Pedimos, por isso, às organizações dos países da "Entente" que obriguem os seus governos a abandonar a tentativa de destruir a revolução russa, e estabelecer relações normais com o governo dos soviets.

UM PERIGO A COMBATER

A acção deletéria do cinema

Impõe-se a necessidade de transformar o cinema de um factor de perversões num instrumento de uteis ensinamentos

Faiscando luz de inúmeras lâmpadas eléctricas, sacudindo a atmosfera com o estridular convidativo das campainhas, inundando as fachadas com grandes cartazes onde, a traço largo, se reproduzem os pontos mais movimentados dos *films*, os cinemas abundam na parte central da cidade, atraindo todas as noites fartos espectadores. Porém, podendo ser poderoso instrumento da educação popular, difundindo entre as classes mais ignorantes, por meio da fotografia animada, grande copia de preciosos ensinamentos, eles não passam, em boa verdade, de importante factor do desenvolvimento da criminalidade, da degenerescência moral, do abandallamento que por af se estabelece. Na realidade, a melhor escola pode haver para os mais repulsivos crimes do que o cinema, onde é frequente vermos a simulação das mais desenfreadas orgias, a retratação da moral canalha desses naufragos da sociedade burguesa, que nas grandes cidades são multido, o ensino meticuloso da arte de roubar e de assassinar? O poder de sugestão do cinema é verdadeiramente extraordinário; ele pesa sobre as criaturas que já atingiram o seu pleno desenvolvimento físico; bastam cinco minutos de reflexão para bem pesarmos quanto influenciará no cérebro das crianças que são elevada percentagem de população dos cinemas.

— Mas a quem cabe a responsabilidade do desvio do cinema da sua verdadeira missão? Aos empresários, que não tem escrúpulo em especular com a ansia de sensações fortes, existente no público? Ao Estado, que não exerce uma rigorosa censura sobre os *films*, proibindo a exibição dos que considere nefastos à moralidade pública? Porém, os empresários, arrastados pela sede do ganho, a nada se achem para eles é zero que os seus programas sejam constituídos por películas acusando uma acentuada perversão; o seu objectivo é virem as salas de que são proprietários ou arrendatários repletas. Ao Estado negamos autoridade para exercer a censura sobre os *films*, porque a moral do Estado é mais corrupta, mais degradante do que a encerrada nas películas. Ao Estado escassamos autoridade para fazer, mesmo por ficaria fornecido com uma arma terrível, com que conseguia acenar ainda mais a inconsciência das multidões. Quem devia, pois, controlar a acção dos *films*? Em nossa opinião, quem o devia fazer, quem tem necessidade de o fazer, é o público, o público que deve ter a consciência de que os perigosos são as películas. E ele podia efectuar esse controle, impedindo a exibição dos *films* que considerasse nefastos, fazendo *boicote* aos cinemas que mais exploram o género policial, secundando os protestos que de quando em quando se erguem hesitantes, tímidos, temendo um ambiente quasi que hostil, pois que esse público, com a sensibilidade embotada, não regateia, na maior parte das vezes, o seu aplauso a *films* de larga metragem onde se cometem os mais nefastos crimes, onde o desbragamento de certas passagens atinge o cúmulo.

Para nós, o cinema, tal como funciona actualmente, representa mais uma chaga da sociedade burguesa. Quantos e quantos crimes não se cometem cotidianamente nesta Lisboa, e em que é fácil reconhecer, ainda ao menos presciza, a acção deletéria do cinema! Há bastantes meses que os jornais relatam as proezas rocambolescas da quadrilha dos *Filhos da Noite*, proezas que quasi todas as revistas tem celebrizado. A tal ponto chegou o desaloro dos componentes dessa quadrilha, que raros são os barcos que vem ao Tejo, que não lhes recebam a visita, de sorte que a notícia de tais sucessos já se propaga lá por fora, a pontos de muitos navios recarem fazer escala pelo porto de Lisboa. E alguém é capaz de afirmar que nisso tudo não anda a influência do cinema, onde frequentes vezes se vêem audaciosos assaltos, de noite, em barcas que se confundem com a treva, a barcos mercantes?

Tinha, pois, o público, se essa necessidade compreendesse, de obstar enérgicamente a que continuasse este estado de coisas. Mas não. Poucos são os trabalhadores que hesitam em levar os filhos aos espectáculos cinematográficos, deformando-lhes o cérebro, desde tenra idade, com a exibição de crimes degradantes e desvergonhas capazes de fazer corar uma colareja.

Um telegrama recente conta-nos que na Alemanha o público impediu a exibição de determinadas películas. Como ele efectivou essa vontade, não o sabemos. Mas certo é que lá fora o oposto já se faz sentir, tomando vulto, impondo-se esmagadoramente. Aqui não; continua a criminosa apatia, o indiferentismo, ao passo que a acção deletéria do cinema tudo vai correndo, perturbando a mentalidade da população infantil, predispondo-a para achar muito natural os delitos mais dignos de reprovação. E a sociedade burguesa, com toda a sua moral adulterada, consente que tal se faça, só proibindo os *films* que prejudicam o seu predomínio. De resto, é a mesma sociedade que, há anos, consente que livremente circulassem os romances de Ponson du Terrail, de Xavier de Montepin e de tantos outros cultores desse género de escritos ressumando sangue em todas as páginas e transportando para os lares sossegados dos trabalhadores o cheiro fétido das cloacas sociais, ao passo que inibia de circular livros contendo doutrinas generosas, aspirações sagradas, e isto porque eles a atacavam a fundo, porque consideravam como necessidade primordial para uma obra de larga regeneração humana, o seu desaparecimento.

Se existisse um cinema dedicado às classes trabalhadoras, como há em vários países, e onde em vez dos *films* de perniciosos efeitos, se exhibissem outros onde a técnica de cada industria se explicasse minuciosamente, onde se exaltasse o amor à Humanidade, onde se combatassem todas as chagas sociais, lá a acção dos *films* que para aí existem seria mais restrita, arcebatando-se-lhe os espectadores das classes proletárias, a quem mais mal podem fazer acentos os seus modestos conhecimentos e tocarem os seus componentes quasi que cotidianamente as chagas purulentas encravadas nos bairros miseráveis. Mas não isso existe e, consequentemente, continua a obra dissolvente do cinema com fins mercantilistas, ao passo que não vemos iniciar-se o reinado do cinema educativo, do cinema guiado por um objectivo levantado, nobre, útil.

Já nestas colunas publicamos uma entrevista em que o dr. sr. Sousa Costa condenava a acção deletéria do cinema. Não foram as suas palavras ouvidas não se colheu delas qualquer resultado. Hoje novamente debatemos tam importante questão, de cuja gravidade poucos se apercebem, para que a opinião pública, a fixe, para que por ela se interesse, resolvendo-se a combater um estado de coisas que não pode nem deve continuar, porque ele ameaça os nossos filhos cuja mentalidade ainda frágil recebe a sugestão nefasta do cinema, sugestão que não se esvai, que, na maior parte dos casos, perdura, transformando-se, mais tarde, em mal terrível que com muitas dificuldades é debelado. Versando novamente o assunto, fazemo-lo esperando de que, desta vez, as nossas palavras surtam algum efeito, ponto é que os trabalhadores, que são os principais frequentadores de cinemas, por ser o espectáculo mais barato, desenvolvam uma energica acção tendente a por cêbro aos seus exageros, que representam verdadeiros crimes.

Às classes operárias

Os potentados querem à viva força, custe o que custar, o esfacelamento dos ferroviários em luta. Para eles não existe justiça nem Razão, que foram substituídas pela opressão e pela violência.

Mas os grevistas conscientes e dignos resolveram, ontem, continuar lutando até ao fim, custe o que custar, em face do sublimar proceder da Companhia e do governo.

Por isso, a comissão da Cozinha Comunista apela mais uma vez para a grande família operária, na convicção de que esta não deixará de auxiliá-la, para assim manter com regularidade a referida cozinha.

Na sede do Sindicato Ferroviário recebem-se quaisquer donativos, todos os dias, das 8 às 24 horas.

A comissão da Cozinha Comunista

Operários da Construção Civil

Mais uma vez a vossa Federação apela para a solidariedade de todos os operários desta industria a favor dos camaradas ferroviários, que se mantem heroicamente em luta há 51 dias. Na sede da Federação continuam a distribuir-se listas, para angariar donativos. Todos os operários devem solidari-

zar-se com os camaradas em luta, pois que da sua vitória todos teremos a lucrar moralmente.

A Federação.

Briand e a União Sagrada

SAINT ETIENNE. — Discursando hoje no Circulo Republicano o sr. Briand declarou que, tendo desaparecido o perigo nacional, a união sagrada também desapareceu. — H.

Ao operariado de Lisboa

Auxiliemos os ferroviários!

A União dos Sindicatos Operários apela para o povo operário da região de Lisboa, fim de que contribua monetariamente para os camaradas ferroviários, há tantos dias em luta com o governo e a Companhia, que, por todas as formas, procuram estrangular a justa revolta de uma das mais exploradas e espinhadas classes proletárias.

Faz este apelo confiada na consciência de todos os que trabalham, lembrando-lhes a necessidade de contribuirem para a manutenção dos operários que agora lutam nas primeiras linhas do "front" da guerra social, com a burguesia rapace e exploradora.

Que nenhum trabalhador deixe de concorrer com o seu auxilio, ainda que modesto, para que os ferroviários não sejam esmagados pelo Estado e pelo Capital, que estão decididos a mais oprimir o proletariado que se atreve a ter consciência e a reivindicar os seus direitos postergados!

Das 14 às 22 horas encontrar-se hão, na sede deste organismo, delegados incumbidos de receber os donativos.

União dos Sindicatos Operários.

TEMPOS NOVOS, NOVA TÁCTICA

A NOVA ORGANIZAÇÃO SINDICAL

deve cuidar da preparação intelectual e profissional do proletariado

A greve ferroviária, que há meses se mantém, sem que o governo tentasse, como devia, a sua solução, a greve ferroviária veio anular a resolução do Conselho Central da U. O. N., que, havia abreviado o período para a realização do congresso, a fim de sair d'ele um delegado que à conferência internacional sindicalista de Amsterdam fosse representar a organização — mas lá a nova organização — do proletariado português.

E não se trata aqui do bem ou do mal que veio para o proletariado deste país do facto de não se ter feito representar na conferência de Amsterdam. Facto motivado, como todos sabem, pela circunstância do governo francês se negar a visar o passaporte do secretário geral da U. O. N. que àquela conferência ia representá-la. Basta que saibamos que os trinta dias vão decorrendo sobre a data fixada para a realização do Congresso de Coimbra, nada tem prejudicado a sua importância, tendo, bem pelo contrário, aumentado o seu valor.

Muitos documentos tem aparecido neste interregno, todos interessantes e de bastante transcendência. Muitos sindicatos, que o não poderiam fazer no curto espaço de tempo que havia sido marcado para a efectivação do Congresso, deram a sua adesão. Tudo faz crer, que o II Congresso Operário será de uma extrema importância, cada vez se afirmando mais a importância que ele deve revestir.

Depende d'ele o futuro da organização operária do país. Ele vai definir a atitude do proletariado português ante os actuais acontecimentos do mundo inteiro.

Por toda a parte as classes operárias, com os duros mas proveitosos ensinamentos da guerra desencadeada na Europa pelo capitalismo, se dispõem a não consentir a repetição da catástrofe, repetição eminente, a despeito do pretensioso patriotismo da liga das nações, que a burguesia e o militarismo apresentaram ao mundo trabalhador, para que este não se erguesse a pedir contas aos responsáveis da tremenda hecatombe.

Mas os trabalhadores não esquecem o seu sofrimento de cinco anos; sofrimento que se mantém com a fome que não deixou ainda os lares dos oprimidos, porque não deixaram ainda os acambradores e os capitalistas de aterrorizar o oiro amontoado à custa da miséria dos que trabalham.

No nosso país então, são muito especiais as condições das classes produtoras.

Neste país, que poderia ser riquíssimo se pensassem os governantes noutra coisa que não fosse a política, passa-se mais fome do que nos países que mais directamente tomaram parte na carnificina europeia. Neste país, onde o povo, ancio por liberdade, derrubou o regime reaccionário, numa tentativa heroica e arrojada, os cárceres da República democrática, tantas vezes imposta e defendida pelo povo, pejam-se de trabalhadores que tem a *ousadia* de dizer o que pensam, e até de pensar! Neste país, que se diz democrático, as organizações operárias são perseguidas constantemente, assaltadas, encerradas e dissolvidas, em holocausto a todas as liberdades que tantas vezes tem levado o povo ao campo das revoluções.

Neste país de incompetências em que o estômago é a questão primordial para todos os políticos e para todos os governantes, as condições do proletariado organizado são muito excep-

cionais. Não deixará de reconhecer-lo o Congresso de Coimbra, e, por isso, não deixará de adoptar as medidas indispensáveis para obter a que os trabalhadores de todo o país, ali representantes, continuem à mercê da opressão burguesa e capitalista.

O sindicalismo foi, por assim dizer, afastado do seu caminho no início da guerra de 1914. O custo sempre crescente da vida forçou-nos a constantes reclamações de aumento de salário. Reclamações que, apesar de justíssimas, bastas vezes nos forçaram a recorrer a importantes movimentos. E isto consumiu a organização operária muita energia, muito tempo e muita actividade, apertando-se a sua esfera de acção até aos estreitos limites das repetidas lutas contra a carestia da vida.

Para isso contribuíram, em não menor grau, as perseguições dos governos, a lei da rola que a sombra da guerra se exercia, e tantas outras agressões dirigidas pelo poder constituído contra a organização sindical.

Mas os tempos mudaram. A situação internacional modificou-se, mercê do impulso nobre e elevado dos povos da Europa oriental. E o sindicalismo retona o seu lugar, reconheça as suas lutas, não por aumento de salário, mas pela conquista da Terra, das máquinas das oficinas que, sendo produto do esforço dos trabalhadores, se encontram nas mãos da burguesia, sob o regime da propriedade privada.

Essa luta subirá agora de tenacidade porque o momento derradeiro se aproxima. Urge que nos preparemos para ela.

A burguesia sabemos nós que nos oprime e nos esmaga. Sabemos que é ela a detentora de riquezas que nos pertencem. Sabemos que é a causadora de todos os nossos males. Pois é necessário que a saibamos derrotar. E com ela todos os seus dogmas e todos os preconceitos que tornam os homens escravos uns dos outros e até de si próprios. E com ela todo o mal estar, toda a desorganização, toda a miséria.

A burguesia sabemos nós que tem finidos os seus dias; que terminou a sua missão, se alguma vez ela existiu.

Uma série de causas, de que é a maior a sua cegueira de ouro, vem entregar a Terra aos que a cultivam, as oficinas aos que nelas laboram e as máquinas aos que com elas trabalham. E indispensável que estes estejam preparados para as conquistar e para as receber.

E dessa preparação que a nova organização sindicalista mais deve cuidar, criando competências, profissional e economicamente.

Se o não fizesse, arfisar-nos-íamos a continuar no estado caótico em que nos mantem a burguesia imperante, com a sua incompetência e o seu desleixo.

A Revolução aproxima-se, e o seu êxito depende do desenvolvimento do sindicalismo que só triunfará se cuidar devidamente da cultura da inteligência e do espírito das classes trabalhadoras que ele representa.

Um novo governo reaccionário

PARIS, 21. — Parece fora de dúvida que na Rússia se busca organizar um novo governo forte no Nordeste tendo por base as forças da Estónia e de outros grupos russos. Um dos seus objectivos é a ocupação de Petrogrado. — H.

A Revolução Social Russa

Um novo governo reaccionário

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

U. S. O. de Lisboa.—São convidados os candidatos a vogais operários do Tribunal dos Accidentes no Trabalho cuja eleição se realiza amanhã, a comparecer hoje na sede deste organismo para o assunto importante.

Federação da Construção Civil — **Comissão Inter-Sindical.** — Este organismo apela para a solidariedade momentânea de todos os camaradas, a favor dos camaradas que estão suspensos nas obras do Castelo. O produto das horas será entregue das 17 às 31 horas, estando na sede delegados para as negociações.

Seção da Construção Civil e Beato e Olivais.—Na assembleia geral realizada em 19 do corrente sob a presidência do camarada António Nunes, servindo de secretário o camarada João Alves foi eleito presidente a direcção o camarada João Alves e substituição do camarada Luís Loureiro.

Tratou-se ainda da nomeação de dois delegados ao conselho técnico e um delegado à escola de Esperanto sendo nomeado delegado a esta tão útil instituição o camarada José da Silva e delegados ao conselho técnico os camaradas Antônio Nunes, carpinteiro, e João

Usaram da palavra os camaradas Manuel Carrasco, que leu alguns artigos do *Construtor* expondo as vantagens do conselho técnico, e Raul Moreira Lopes e Manuel Trindade que se referiram ao procedimento do presidente extenuado.

— A assembleia geral apreciou a acusação que o camarada Caldeira tinha apresentado à direcção deste sindicato, de que nas obras do Estado metem indivíduos que são por completo estranhos à construção civil, com

pedreiros, ficando os profissionais
servente eternamente esquecidos. In-
trou-se dum officio da associação d
compositores, no qual pedia um empres
mo á nossa associação, e que baixou
directão, e duma circular da Sociedade

foi tomada em consideração. Foram nomeados delegados à comissão escolar os camaradas Alberto Castanheira e Francisco Pedro Marques. Quando

assembleia estava quasi a terminar ap-
receram na sala os nossos camarad
Vitor Martins e Alexandre Assis que
encontravam a ferros da nossa liber

Encadernadores e anexos.—E

paciente na sede desta associação o bilancete relativo à subscrição ultimamente aberta nas oficinas a favor do colega doente, discriminando as importâncias recebidas e a quem foram entregues.

CONVOCAÇÃO

União dos Funcionários e Assalariados do Estado.—A reunião marcada para hoje já não se efectua, fica

Operários da Companhia d'Águas.—Convidam-se todos os cobradores a virem liquidar as suas contas depois de amanhã, das 19 às 21 horas, para boa marcha deste serviço.

Construção Civil de Parede.—
direcção convida todos os camaradas
que tenham quetes para os ferroviários
assim como para o camarada loquaz

Descarregadores de Mar e Terra.—Reúne hoje, às 20 horas, a secção de carvão, para tratar de assunto u-

Sindicato Único Metalúrgico
(Secção de Almada). — Reúnem amanhã
pelas 15 horas, os operários da indús-
tria de conservas de Almada. Faltam

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.—Não se tendo realizado a assembleia geral deste sindicato,

to no dia 20 do corrente, por falta de número, ficou esta convocada para as 20 horas. Pedese a comparência de todos os sócios, visto tratar-se de trabalhos de grande importância para a classe.

Cozinha comunista
Donativos recebidos ontem:

Quete aberta entre o pessoal operário no Casino Oceano, de Parede, 250; lista 147, quete aberta entre diversos 2550; lista 160, idem pela Associação de Construção Civil de Parede, 2801; lista 312, 1836; lista 313, 1824; lista 314, 1836.

ista 184, quite aberta entre o pessoal da serração do Serafim de Alcântara, R\$00; camarada sapateiro José Pedro, R\$50; pessoal da Carris de Ferro, Santo Amaro, 19\$45; quite entre os trabalha-

lores rurais de Vila Franca, 9\$09; idem pela Direcção dos Tanoeiros, entre classe, 32\$35; idem pelo pessoal da chapealaria «A Social» e varios operários chapeleiros, 4\$15. Soma. 79\$78.

Quantias recebidas na Federação do Livro e do Jornal até ao dia 18 de agosto para os camaradas ferroviários:

Nº	Nome	Valor em \$
1	Bernardo Boreiro	1007
2	Jorge L.	600
3	António	1000
4	João	1000
5	Paulo	1000
6	Carlos	1000
7	Alfredo	1000
8	Luís	1000
9	Miguel	1000
10	Ricardo	1000
11	Fernando	1000
12	Artur	1000
13	Manuel	1000
14	Agostinho	1000
15	Vitorino	1000
16	Leandro	1000
17	Amândio	1000
18	Abel	1000
19	Adolfo	1000
20	Benedito	1000
21	Enrique	1000
22	Estanislau	1000
23	Frederico	1000
24	Gustavo	1000
25	Humberto	1000
26	Ismael	1000
27	Jerônimo	1000
28	Jonas	1000
29	Lázaro	1000
30	Marcelo	1000
31	Matheus	1000
32	Medeiros	1000
33	Moisés	1000
34	Nelson	1000
35	Oswaldo	1000
36	Sérgio	1000
37	Tadeu	1000
38	Teodoro	1000
39	Valdemar	1000
40	Wladimir	1000
41	Xavier	1000
42	Yves	1000
43	Zélio	1000
44	Adriano	1000
45	Álvaro	1000
46	Belmiro	1000
47	Cassiano	1000
48	Delfino	1000
49	Eduardo	1000
50	Emílio	1000
51	Ernesto	1000
52	Fabiano	1000
53	Farrel	1000
54	Fidelis	1000
55	Flávio	1000
56	Georgina	1000
57	Gilberto	1000
58	Guilherme	1000
59	Heitor	1000
60	Henrique	1000
61	Igor	1000
62	Inácio	1000
63	Joaquim	1000
64	João	1000
65	Leandro	1000
66	Luciano	1000
67	Luiz	1000
68	Mário	1000
69	Maximiliano	1000
70	Meireles	1000
71	Miguel	1000
72	Moisés	1000
73	Nelson	1000
74	Osvaldo	1000
75	Pedro	1000
76	Rafael	1000
77	Ricardo	1000
78	Rogério	1000
79	Sérgio	1000
80	Silvestre	1000
81	Tadeu	1000
82	Teodoro	1000
83	Valdemar	1000
84	Wladimir	1000
85	Xavier	1000
86	Yves	1000
87	Zélio	1000
88	Adriano	1000
89	Álvaro	1000
90	Belmiro	1000
91	Cassiano	1000
92	Delfino	1000
93	Eduardo	1000
94	Emílio	1000
95	Ernesto	1000
96	Fabiano	1000
97	Farrel	1000
98	Fidelis	1000
99	Flávio	1000
100	Georgina	1000
101	Gilberto	1000
102	Guilherme	1000
103	Heitor	1000
104	Henrique	1000
105	Igor	1000
106	Inácio	1000
107	Joaquim	1000
108	João	1000
109	Leandro	1000
110	Luciano	1000
111	Luiz	1000
112	Mário	1000
113	Maximiliano	1000
114	Meireles	1000
115	Miguel	1000
116	Moisés	1000
117	Nelson	1000
118	Osvaldo	1000
119	Pedro	1000
120	Rafael	1000
121	Ricardo	1000
122	Rogério	1000
123	Sérgio	1000
124	Silvestre	1000
125	Tadeu	1000
126	Teodoro	1000
127	Valdemar	1000
128	Wladimir	1000
129	Xavier	1000
130	Yves	1000
131	Zélio	1000
132	Adriano	1000
133	Álvaro	1000
134	Belmiro	1000
135	Cassiano	1000
136	Delfino	1000
137	Eduardo	1000
138	Emílio	1000
139	Ernesto	1000
140	Fabiano	1000
141	Farrel	1000
142	Fidelis	1000
143	Flávio	1000
144	Georgina	1000
145	Gilberto	1000
146	Guilherme	1000
147	Heitor	

Parcência Pereira, 1850; Jornal *A Opinião* 190; Soares & Guedes, 1850; tipografia Franco, 880; La Becarre, 1850; Gráfica, Limitada, 1865; Liberty, 1810; Paulo Guedes 1810; Um típografo do *Jornal da Tarde* 1855; Do cofre da comissão executiva do movimento gráfico dos jornais, 2850; tipografia Palhares, 1815; Correa & Ramos

1902; A. Esteves, \$50; Lamas Mota & C., \$50; Casa Portuguesa, 1835; Correa & Rosa, 1840; Eduardo Rosa, 2830; America, 1800; Sales, 1836; Mata, 1873; Dos quadros de A Batalha, 2840; de A Manhã, 2870; do Jornal do Comercio, 1830; tipografias Luzzo Brasileira, \$60; Anuario Comercial, 2870.

O movimento grevista da Silésia
transforma-se em insurreição

VARSOVIA, 20.—O movimento grevista na alta Silesia tomou o carácter de uma insurreição. Os polacos estão senhores de uma série de localidades importantes; tiveram lugar numerosos

ombates com as tropas alemãs, pelo
que foi proclamada a lei de guerra, tra-
balhando-se sob a ameaça da lei mar-
cial. — H.

A BATALHA

União dos Sindicatos Operários do Porto reúne e protesta contra as perseguições aos operários conscientes—Um documento dirigido ao sr. Sá Cardoso

PORTO, 16.—Sob a presidência do delegado dos Fiandeiros, secretário dos dos das Indústrias Têxteis e Pêcheros, realizou-se uma assembleia importante da União dos Sindicatos Operários. Foi lido e discutido o expediente, entre os quais um ofício dos "Têxteis de Seda, acreditando como delegação a esse organismo federativo, Francisco António Baia, outro dos Chapêiros, nomeando igualmente seus representantes Francisco Pinto Ribeiro e n.º Bernardino Lopes, os quais apresentaram um horário impresso que põe, enquanto por turnos, toda a classe ao brigo das oito horas; outro ainda dos detalhadores, nomeando internamente em delegado Augusto Correia, visto o amador efectivo se encontrar gravemente enfermo. Foi apreciado um exemplar-modelo de uma circular enviada pelos operários cortadores aos industriais, reclamando um pequeno aumento nos seus miseráveis salários.

O secretário geral dá conta das resoluções tomadas na última assembleia das direcções dos sindicatos das oficinas aderentes, entre as quais promover o mais breve possível um comício, sendo aprovada uma moção cujas conclusões finais são as seguintes:

1.ª Convidar todas as colectividades federadas a reunirem as suas respectivas classes em reuniões gerais, durante as quais se discutam as condições de trabalho, a fim de as mesmas discutirem e votarem as reclamações que tenham a fazer ao patronato.

2.ª Convidar as mesmas colectividades a enviar cópia das mencionadas reclamações à comissão administrativa desta União, no prazo máximo de dez dias, para que as mesmas sejam encaminhadas e analisadas pelos delegados dos Sindicatos Federados, serem todas, no mesmo tempo, entregues ao patronato, pelas respectivas classes.

3.ª Convidar todas as associações federadas desta União, com a conta suplementar de uma lista de nomes, para que, uma vez, a fim de custear as despesas feitas e a fazer com os trabalhos desta União, prestados e a prestar as diferentes classes que o reclamam.

4.ª Convidar as diferentes associações federadas a instigar os seus delegados para que não falem as sessões federais, a fim de promoverem o bom andamento dos trabalhos desta União, e de tudo que se passa no seio do movimento operário, conveniente convidar delegados desta União, para assistir às reuniões magnas.

Entrou-se a seguir na ordem da noite—as perseguições aos elementos operários, a todos aqueles que tenham a franqueza de se manifestar contra as tiranias e infâmias em que é feita a actual situação política. A discussão sobre este tema magno assunto foi demorada e acalorada, verberando-se apressadamente o procedimento anti-democrático e anti-constitucional usado pelos governantes que timoneiam a descomentada nau do Estado por de sobre um mar encaquelado de imprecações saídas do fundo da alma de um povo que sofre todas as cruzes políticas, económicas e sociais. Feitas por todos os delegados, as devidas considerações aos actos sionistas dos falsos deputados da República, a assembleia resolveu enviar ao presidente do ministério sr. Sá Cardoso, reconhecido herói da Ronda, o seguinte documento:

Ex.º Sr.:

Vendo-se que se está faltando ao disposto na Constituição da República Portuguesa, no que se refere à liberdade de reunião, associação e expansão do pensamento, as associações operárias do Porto, reunidas por intermédio de delegados, na União dos Sindicatos Operários do Porto, sem qualquer motivo justificado, operários que vivem unicamente do seu trabalho, exercendo-se sobre eles o mais rigoroso regime de escravidão, por parte do senhor patronato, o que vai de encontro a todas as leis do país.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Por isso a União dos Sindicatos Operários do Porto lembra a v. ex.ª a conveniência de que os seus interesses políticos e sociais não sejam prejudicados, mas sim para evitar que o povo de uma família esteja a mercê de qualquer indivíduo, tanto desceba a irrisão e desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Por isso a União dos Sindicatos Operários do Porto lembra a v. ex.ª a conveniência de que os seus interesses políticos e sociais não sejam prejudicados, mas sim para evitar que o povo de uma família esteja a mercê de qualquer indivíduo, tanto desceba a irrisão e desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Este modo de proceder, ex.º sr. pósto em prática, não nos dá a possibilidade de o operário recorrer, sempre que a República se vê ameaçada, longe de pacificar a família portuguesa, contribui sómente para a irrisão e para o desmoralamento do operário e do operariado todo o governo, que para fins pelo mesmo operariado desconhecidos, simula julgar capazes de uma aliança com que os seus interesses não puzeram dúvida em sacrificar a sua própria vida para os destronar, na suposição de que, não mais os veria com poderes para os destruir—no que mais uma vez se enganou.

Teatro São Luiz

É este o único onde não há discussões, nem desavenças, nem mau humor, porque

O PÊ DE MEIA
conhecia todos com a sua alegria, deslumbramento e encanto.

As prisões no Porto
José Gonçalves, administrador do jornal quinzenário *A Aurora*, continua detido, apesar de até agora não ter sido encontrada qualquer prova que acredite nas autoridades a julgá-lo um criminoso político, se é que o pensar-se livremente num país transformado numa República radical não constitui crime, mas antes uma sagrada liberdade escrita nos códigos fundamentais do regime pelo qual Gonçalves pegara em armas em 13 de fevereiro. Será como prêmio deste procedimento que ele estará na casa da Reclusão, talvez devido a uma triste denúncia? Assim parece...—C.

Um armazém cheio de batata!

Dos operários da Fábrica Vulcano recebemos um protesto contra o facto de num armazém situado no Boqueirão do Duro, n.º 25, se encontra uma enorme porção de batata podre, deitando um cheiro insuportável que bastante aflije essas camaradas que reclamam providências das entidades competentes.

Mostram bem este protesto as criminosas manobras dos comerciantes, que continuam açambarcando enormes porções de artigos de primeira necessidade, preferindo que se deteriorem, a vendê-los a preços mais baixos.

"A Abastecedora"

Com este título está em organização uma companhia, cujo capital inicial é de 500 contos, representado por ações de 10 escudos. O fim desta empresa, segundo nos informa a comissão organizadora, é o abastecimento de gêneros alimentícios a todo o país, promovendo a baixa de preços pela importação dos centros produtores e a venda a retalho directamente aos consumidores e desenvolver a permuta de gêneros, levando, de regiões onde escasseia, o produto que não há.

A sede provisória é na rua Nova do Almada, 96, 2.ª.

Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios

Em reunião do Conselho de Administração do Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios, realizada ontem, sob a presidência do sr. dr. João Luís Ricardo, foi apreciada a proposta da Câmara Municipal de Santarém indicando os nomes dos indivíduos que devem ser nomeados escrivães e oficiais de diligências do tribunal de desastres de trabalho daquela cidade. Assentou-se também na forma de dar execução prática a determinados serviços do Instituto que se prendem com as mutualidades obrigatórias.

O Conselho volta a reunir amanhã às 15 horas.

Caminhos de ferro de Angola

Vão ser melhorados os serviços dos caminhos de ferro de Angola, fazendo-se grandes reparações nas respectivas linhas e será adquirido novo material circulante, a fim de que o transporte das mercadorias possa ser feito com mais rapidez.

Biblioteca Regeneração Social

Hoje efectua-se uma festa promovida por uma comissão de sócios em benefício de três chefes de famílias que lutam com a miséria. O programa é o seguinte: 1.ª parte, canção nacional pelos artistas cultores António Rosa e João David; 2.ª parte, três comédias e poesias, recitadas por um grupo de amadores, sobre a direcção do amor José Vieira. Abrilhanta esta festa, por especial favor aos b. neficiários, o grupo de guitarristas "Oriental de Lisboa".

Funcionários que reclamam

Uma comissão de funcionários da Inspeção de Sanidade Marítima de Lisboa voltou ontem ao parlamento, a fim de instar pela aprovação da proposta de lei no sentido de que os seus vencimentos sejam aumentados, porquanto, tendo sido melhorada a situação de todos os funcionários do ministério do trabalho, apenas os da direcção geral de saúde e dependências, continuam a auferir vencimentos fixados há vinte anos e verdadeiramente irrisórios. Basta dizer que os empregados superiores da secretaria da Inspeção de Sanidade Marítima de Lisboa têm vencimentos inferiores aos dos contínuos de qualquer ministério e que os remadores da estação de saúde de Setúbal ganham 22 centavos diários sem subvenção, vindo a reclamar há anos melhoria de situação, sem que até agora conseguissem ser atendidos.

As autoações

Por determinação da Câmara Municipal, redobrou o rigor da polícia no cumprimento das respectivas posturas. Em consequência disso, muitos vendedores ambulantes foram presos, que entre eles se encontra um grande indiano, levando a seu lado o primeiro o seu actual médico assistente.

Também se encontra melhorando o guarda nocturno, Manuel da Cunha Andrade, de 44 anos, casado, residente na travessa de Santa Maria 47, 1.ª, vítima do mesmo desastre e que se encontra internado na enfermaria 4 (São António).

O que é preciso dizer

O camarada João Maria Major, que se encontra preso no Limoeiro em consequência da última greve geral, dirigiu-se nos anteontem a participar ter recebido as importâncias indicadas pela *Batalha* e enviadas pelas camaradas do Parque Silva Porto de Bemfica. Por isso não se disse que a respectiva Associação de classe tem abonado semanalmente aquele nosso camarada a quantia de 5800.

Feita a declaração, vamos dizer outras coisas... que é preciso, que é de dizer, e que é doloroso ter de dizer. Há alguns que, como se vêem—olhem para o sr. Major, com 5800 por semana, não há, sentindo, como se a vissemos, num formidável brado, esta categorica resposta gritada por milhares de consciências.

Pois bem, para todos nós e, portanto, também para as camaradas manipuladoras de pão, 501, ou seja 10 réis, é uma importância inapreciável. Não é assim camaradas? Pois bem, a classe dos manipuladores de pão conta, em Lisboa, cerca de 3.000 homens. Também está cada um destes camaradas despresando semanalmente essa desprezível importância—a conta é fácil—teríamos 3.000 centavos, ou sejam 30 escudos por semana. Estão vendo, camaradas manipuladoras de pão? Um centavo, só um centavo de cada um de vós em cada semana representaria 30 escudos.

Ora os camaradas sabem, devem saber, que João Maria Major se encontra preso, porque, despresando mais do que um centavo, é que despresou comodidades, inter. Enfim, todas as razões egoístas, teve a noção de que cada um de nós não tem de cuidar apenas de si próprio, mas sim a colectividade, que cada um de nós o dever de pensar também nos outros. E porque assim pensou que se encontra preso. Sacrificou-se pelos outros.

Cumprir o seu dever? Cumprir. O que não cumpre—e isto é que é triste dizer—são os camaradas manipuladores de pão que o sabem numa prisão, vítima do seu interesse pela causa proletária e, mais directamente, pela causa da sua classe, e que ali o abandonam ingratamente, na situação acanhada, restricta dos 5800 por semana que lhe leva o sacrificado esforço da sua Associação. Isto não é justo; isto não é nobre.

Camaradas, enchamos de nobreza e de justiça a nossa vida e os nossos actos porque nos encheremos de força, de razão, para podermos impor a satisfação das nossas reivindicações.

Palavras é pouco. É preciso actos. Camaradas manipuladoras de pão, a conta é fácil: três mil homens, 1 centavo, trinta escudos por semana. João Maria Major não precisa de tanto. A vossa Associação saberá dar o melhor destino ao que for de mais.

Pois não será isto?

As greves

Marceneiros

Continua a greve num número de oficinas muito reduzido, havendo algumas delas que já não têm pessoal. Os industriais, que queriam fazer render os operários pela fome, enganaram-se porque eles tem consciência.

Todos os camaradas devem cumprir com o seu dever contribuindo com 50 por cento aos operários das fábricas de conservas e das ovinárias.

Operários das fábricas de conservas e das ovinárias

ALMADA, 22.—Os grevistas reunidos hoje, às 10 horas, iniciados de que alguns operários que haviam sido convidados a sair o movimento se tinham comprometido a não trabalhar nas fábricas em questão enquanto não for solucionado o conflito, tomaram na devida consideração tam digno procedimento. Como todas as tentativas dos industriais, no sentido de esmagar os grevistas, tem resultado infrutíferas, de novo, segundo consta vão pôr em acção outros "truces".

Agora é substituir o pessoal feminino por ovinárias contratadas em Lisboa a razão de 2850 por cada dia de trabalho.

E para admirar que em tal tivessem pensado, pois sendo concedido às operárias o aumento de salário, que originou esta questão, não ficariam ganhando mais que 564 por dia de 8 horas de trabalho. Se não fosse conhecemos de que meios é, capaz servir-se o patronato para sustentar estúpidos caprichos não acreditaríamos que alguns industriais preferissem pagar 2850 por um trabalho que podem obter por 564.

Verificada a consciência proletária que em Portugal se vem manifestando, estão os grevistas convencidos que mesmo nas condições acima apontadas não conseguirão os industriais que as ovinárias acedam aos seus desejos.

Sendo as ovinárias duramente experimentadas na conquista do pão de cada dia, estamos certos que saberão recusar, cheias de indignação, o dinheiro que lhes oferecem para se prestarem a ser Judas, especialmente conhecendo que eram chamadas para um trabalho que em breves dias teriam de abandonar.

Emquanto às intenções dos industriais é para lamentar que estes, que nós conhecemos ainda há bem pouco tempo semi-nóis e de estomago lazeiro, hoje com quatro patacos, queiram imitar o roceiro Alfredo da Silva no ódio ao proletariado.

E o caso do anão a pretender ser gigante.

Choque de automóveis

Acidentaram-se as melhores do sr. Ernesto Soares de Andrade secretário do ministério do comércio, que não tem fratura no crânio, como princípio se supõe. Tem sido muito visitado, no quarto particular n.º 11 do Hospital de S. José, para onde foi transportado ontem, tendo passado o resto da noite de antontem na sala de observação no Banco do mesmo estabelecimento, entregue aos cuidados dos drs. Meireles de Almeida, e de Almeida, e Fernando Simões, que ali se encontravam de serviço sendo o primeiro o seu actual médico assistente.

Também se encontra melhorando o guarda nocturno, Manuel da Cunha Andrade, de 44 anos, casado, residente na travessa de Santa Maria 47, 1.ª, vítima do mesmo desastre e que se encontra internado na enfermaria 4 (São António).

A transportar, 2.089.977.

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislação para os outros

Discursos, Larachas & Votações

MENÚ: Ainda a questão universitária.—O aumento de vencimento aos juizes

DEPUTADOS

Preside o sr. Domingos Pereira. Aprovam a acta 52 deputados.

O sr. Alves dos Santos requer que seja dada para antes da ordem da primeira sessão a sua interpegação ao sr. ministro do comércio.

A Câmara concorda, após troca de explicações entre o interpelete e o presidente.

Depois de aberta a inscrição para antes da ordem o presidente dá a palavra ao sr. Vitorino Guimarães, para continuar o seu discurso sobre o regime bancário ultramarino, respondendo-lhe em seguida o ministro das colónias.

O dr. Alvaro de Castro requer que haja sessão nocturna e que a que estava decorrendo fosse prorrogada, para se discutirem os pareceres dados para ordem do dia.

Como vários deputados se manifestassem em desacordo o dr. Alvaro de Castro requereu para que houvesse hoje sessão o que foi aprovado.

O dr. António Granjo requer, também que entre imediatamente em discussão o parecer da comissão de ensino superior sobre as emendas e modificações introduzidas no Senado ao parecer sobre a questão universitária.

Posto o referido parecer à discussão foi aprovado depois de falarem sobre ele os drs. Brito Camacho e António Granjo.

O ministro da instrução requereu dispensa da última redacção do parecer, o que foi aprovado.

O ministro da justiça requer para que, seguidamente, entre em discussão o parecer 26, que trata do aumento de vencimento dos juizes dos distritos criminais de Lisboa e Porto, cujo art. 2.º tinha já sido aprovado.

Sobre o parecer falou o ministro da justiça propondo uma substituição ao art. 3.º, 4.º e 5.º.

Aprovada esta proposta aprovou-se em seguida o art. 6.º e 7.º ficando o parecer discutido.

Encerrou-se seguidamente a sessão para reabrir às 21 horas e meia.

A sessão nocturna

Às 22 horas sob a presidência do sr. Mesquita de Carvalho e com reduzido número de deputados, reabre a sessão, entrando em discussão o parecer sobre actuações, vencimentos dos funcionários em serviço activo e aposentados e reembolso de adiantamentos.

Discutindo-se o art. 1.º juntamente com os seus parágrafos, os sr. Eduardo de Sousa, Plínio Silva, Brito Camacho, Oslando Marçal, Pais Rovisco manifestam a sua simpatia pelo projecto em discussão porque ele tende a acabar com os subarbitros da República que vieram substituir os subarbitros da monarquia e Domingos Cruz que entende com cumulativamente com a adopção de medidas que criem receitas para ocorrer às instantes necessidades do tesouro público se deve realizar a efectivação das despesas. Ora parece-lhe que os quadros do funcionalismo público foram excessivamente aumentados sem as imperiosas necessidades dos serviços. Assim, deseja que se fixe esses quadros colocando em situação de adiados todos os que excederem o número absolutamente indispensável e suprimindo-se todos aqueles lugares que não correspondam a uma necessidade pública.

O sr. Brito Camacho propõe que se continue discutindo os restantes artigos do projecto reservando-se as votações para quando houver número. Assim se fez. O art. 2.º não sofreu discussão. Ao 3.º apresenta o sr. Oslando Marçal uma proposta alterando a redacção que o sr. Pais Rovisco julga indispensável.

Em seguida o sr. Mesquita de Carvalho encerra a sessão marcando a seguinte para hoje.

Solidariedade operária

Pela Associação dos Tanoeiros de Lisboa foi aberta uma subscrição entre a classe, a favor dos camaradas ferroviários que deu o seguinte resultado:

Telheira Marvila, 1870; Carlos de Oliveira, 1630; Luís Micoivo, 1940; dr. Branco, 1800; Silva, 1870; Carlos de Sousa, 1670; Simões Marques, 1630; Ernesto de Almeida, 1870; Augusto Rocha, 1830; José Dias & C.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

O movimento gráfico

Registamos hoje mais uma lista das queixas abertas a favor dos camaradas gráficos pela classe operária de Lisboa:

Transporte, 1.833.920; Fábrica Seixas (secção de electricidade), 80; diferença a mais na secção de electricidade, 1.833.920; entregue por Sebastião Lopes, 820; Alberto Castanheira e D. Simões, 820; Arsenal de Marinha (secção de electricidade), 2670; da Associação dos Tanoeiros, 1870; Lúcio Simões Marques, 1630; que abrange a V.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

Transporte, 1.833.920; Fábrica Seixas (secção de electricidade), 80; diferença a mais na secção de electricidade, 1.833.920; entregue por Sebastião Lopes, 820; Alberto Castanheira e D. Simões, 820; Arsenal de Marinha (secção de electricidade), 2670; da Associação dos Tanoeiros, 1870; Lúcio Simões Marques, 1630; que abrange a V.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

Transporte, 1.833.920; Fábrica Seixas (secção de electricidade), 80; diferença a mais na secção de electricidade, 1.833.920; entregue por Sebastião Lopes, 820; Alberto Castanheira e D. Simões, 820; Arsenal de Marinha (secção de electricidade), 2670; da Associação dos Tanoeiros, 1870; Lúcio Simões Marques, 1630; que abrange a V.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

Transporte, 1.833.920; Fábrica Seixas (secção de electricidade), 80; diferença a mais na secção de electricidade, 1.833.920; entregue por Sebastião Lopes, 820; Alberto Castanheira e D. Simões, 820; Arsenal de Marinha (secção de electricidade), 2670; da Associação dos Tanoeiros, 1870; Lúcio Simões Marques, 1630; que abrange a V.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

Transporte, 1.833.920; Fábrica Seixas (secção de electricidade), 80; diferença a mais na secção de electricidade, 1.833.920; entregue por Sebastião Lopes, 820; Alberto Castanheira e D. Simões, 820; Arsenal de Marinha (secção de electricidade), 2670; da Associação dos Tanoeiros, 1870; Lúcio Simões Marques, 1630; que abrange a V.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

Transporte, 1.833.920; Fábrica Seixas (secção de electricidade), 80; diferença a mais na secção de electricidade, 1.833.920; entregue por Sebastião Lopes, 820; Alberto Castanheira e D. Simões, 820; Arsenal de Marinha (secção de electricidade), 2670; da Associação dos Tanoeiros, 1870; Lúcio Simões Marques, 1630; que abrange a V.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

Transporte, 1.833.920; Fábrica Seixas (secção de electricidade), 80; diferença a mais na secção de electricidade, 1.833.920; entregue por Sebastião Lopes, 820; Alberto Castanheira e D. Simões, 820; Arsenal de Marinha (secção de electricidade), 2670; da Associação dos Tanoeiros, 1870; Lúcio Simões Marques, 1630; que abrange a V.ª, 1630; Carlos Dias, B. Prata, 2605; Avelino Pedro Nunes, 1870; Explicação do Porto de Lisboa, 1830; 32.335.

INTERESSES DE CLASSE

Operários da Companhia das Águas

Da Associação dos Operários da Companhia das Águas recebemos o seguinte comunicado:

Com respeito às subvenções, a Companhia que não perca tempo, em fazer a sua distribuição aos operários que lançou à margem, sem nenhum aviso, nem ordem de serviço. Estes consideraram-se empregados da Companhia, até à data que o sr. Carlos Pereira declarou que nunca mais abriria as oficinas particulares; o que fez a pouca mais de meia dúzia, ficando o restante sem colocação. Estes, porém, encontram-se às ordens dele, e pedem para que lhes seja paga a subvenção que lhes pertence, que são 60 centavos cada dia há dois meses e meio; já é uma conta regular, entre cento e tantos operários desta vez, fora o grande número de afortunados, que despediu quando do aumento da água.

Algoz o sr. Carlos Pereira ter feito os despedimentos por falta de trabalho, o que é falso, porque desde essa data começou reinando um relaxamento que nunca mais os serviços marcharam regularmente como dantes. E prova-se isto com a chuva de reclamações, que nunca são atendidas. Pois como podem ser atendidas? Pessoal, não há; contadores para substituir, não há; os que estão em serviço dos consumidores, estão avariados e outros não contam por estarem imundos, sem limpeza nem reparações.

Quer o camarada redactor saber o que faz a Companhia sobre a contagem da água? Faz uma média aos consumos mais elevados dos meses anteriores. E, ou não o procedimento da Companhia digno de um verdadeiro escroto? Não se lhe pôde dar outra designação. Além disso, nós, operários, somos roubados com a subvenção e o povo que a paga, ainda é mal servido e explorado, por todas as formas. Não haverá fiscal do Governo, da câmara, ou entidades competentes para pôr cobro nisso? Assim parece. Mas nós bem sabemos o que é. Tudo isto é para encobrir as despesas e prejuízos do armazém de víveres ou por outra, do armazém da fome, que já caiu pela base, assim como o forno, e a padaria, que nunca fabricou pão, e a moagem, que nunca moeu cereais. Enfim, foram uns tantos contos de réis que se enterraram, e nós, e o público, é que os temos de pagar. Escrita certa, porém, o sr. Carlos Pereira, que nós não nos calamos enquanto não nos seja pago o que nos devem.

Isto não pôde ser! Nós queremos que nos sejam pagas todas as subvenções desde que a Companhia fechou as oficinas até que nos disse que nunca mais as abria. Do contrário, tivesse posto um aviso na porta das mesmas, dizendo o que nos disse há pouco. Temos estado às ordens da Companhia, que queremos que nos paguem as subvenções.

Pedimos à atenção do ministro do comércio, para intervir no assunto, porque a ele lhe compete fazer cumprir o respectivo

